Colisões entre pandemia e luto: Interlocuções à luz da psicanálise

https://doi.org/10.56238/levv15n39-142

Laylla Ohana do Karmo Arlindo de Nazaré
Psicóloga
Universidade da Amazônia

Leonni Sergio Pinto Seabra
Psicólogo
Universidade da Amazônia

Stéphane Nayane Fragra Negrão
Psicóloga
Universidade da Amazônia

RESUMO
Este artigo teve como objetivo investigar as interações entre o luto e as experiências de perda durante a pandemia de Covid-19. Para tanto, foi utilizada uma metodologia de pesquisa bibliográfica, analisando teorias psicanalíticas e dados de diversas fontes. Os resultados indicaram que as restrições sociais impactaram significativamente o processo de luto, dificultando a vivência de rituais de despedida. Conclui-se que a compreensão do luto em contextos pandêmicos é essencial para oferecer suporte emocional às pessoas enlutadas, destacando a necessidade de estratégias de cuidado emocional.

Palavras-chave: Luto, Pandemia, Covid-19, Psicanálise, Freud.

1 INTRODUÇÃO

O mundo está saindo de uma grande tragédia, cujo precedente aconteceu há 100 anos: uma pandemia. Segundo as informações da OPAS[1] (2022), entre o período de janeiro de 2012 a dezembro de 2021, morreram cerca de 14,9 milhões de pessoas. Como ainda afirma a organização sobre estes dado, a maior parte das mortes concentraram-se no Sudeste Asiático, Europa e Américas, contudo, os países de média renda corresponderam por 81% das 14,9 milhões de morte em excesso[2].

Conforme ainda afirma a OPAS (2024, online) em seu informativo, a pandemia também suprimiu quase uma década de progresso no aumento da melhoria da expectativa de vida em somente dois anos, pois: "Entre 2019 e 2021, a expectativa de vida global caiu 1,8 ano, para 71,4 anos (voltando ao nível de 2012). Da mesma forma, a expectativa de vida saudável global caiu 1,5 ano, para 61,9 anos em 2021 (voltando ao nível de 2012)".

A partir disso, a presente pesquisa buscou abordar a temática do luto em colisão com a pandemia de Covid-19. Desta forma, foi realizado um aprofundamento acerca das diversas perdas e os desafios enfrentados pelas pessoas durante e após esta pandemia, sobretudo no que diz respeito às afetações que houveram frente aos rituais simbólicos de despedida, como também ao processo de elaboração da morte de entes queridos. Destarte, para então fundamentar a apreensão acerca destes processos, tornou-se fundamental alçar a pesquisa algumas das teorias de Sigmund Freud para analisar como o luto é experienciado e elaborado em contextos de perda e sofrimento.

A morte é uma experiência singular, subjetiva e carregada de fatores externos e internos que irão contribuir para a forma de lidar com perda, tais como: a relação com o falecido, a forma em que ocorreu o falecimento, as crenças em torno da morte e pelos traços do enlutado.

Neste ínterim, aflora a nossa percepção sobre finitude. Não somos mais imortais, como supunha nossa fantasia, pois estamos assistindo ao horror do extermínio de familiares, amigos, vizinhos de quem sequer pudemos dar um último adeus. Dessa maneira, ocorre a quebra de um mundo presumido[3] que leva à renúncia de um modo de vida e o início de outro (Parkes, 1998).

A quebra desse mundo afeta tudo o que já era conhecido, estabelecido como seguro e confiável. Na ocorrência de mudanças, estas são percebidas como desagradáveis, gerando a quebra do mundo presumido, incluindo neste a fantasia da imortalidade, a crença de que nunca nos acontecerá nada devastador, nem a nós e nem aos nossos conhecidos (Parkes, 1998).

[1] Organização Pan-Americana de Saúde.

[2] As mortes em excesso referem-se ao número de óbitos que excede o esperado em um determinado período.

[3] O mundo presumido nada mais é do que a é conhecido e desenvolvido com base nas experiências, valores e crenças particulares de cada indivíduo. Incluindo as perspectivas passadas, as expectativas para o futuro, sendo essa a estruturação para o ser no mundo (Parkes, 1998).

O acontecimento de perdas familiares é por si só um evento perturbador na vida de uma pessoa. Visto que a pandemia trouxe prejuízo para a saúde, o isolamento e distanciamento social gerou e continua a gerar problemas financeiros e emocionais, proporcionando riscos em diversos níveis para todos os indivíduos. Se forem avaliadas, não apenas a perda do ente querido, mas também a situação de vulnerabilidade financeira em que foi deixada uma parcela dos enlutados e o quanto isso pode potencializar o sentimento de perda, é percebido que instabilidade da situação econômica irá refletir na instabilidade das emoções e do manejo das diversas consequências, facilitando o desenvolvimento de transtornos de ansiedade, estresse ou depressão (Makwana, 2019).

Os problemas evidenciados nesta pesquisa, referem-se às dificuldades enfrentadas pelas pessoas em lidar com o luto durante e após a pandemia de Covid-19. A ausência de rituais de despedida tradicionais devido às restrições sanitárias, a impossibilidade de se despedir adequadamente dos entes queridos falecidos e a vivência do luto de forma incompleta são questões destacadas. Além disso, a ausência de suporte emocional e a necessidade de adaptação a novas formas de expressar o luto configuram-se como desafios enfrentados pelas pessoas frente a essas situações.

Tal situação tem a possibilidade de ser inserida no campo do trauma, dada a forma como as perdas acometeram milhões de pessoas no mundo e em nosso País, ganhando um nefasto destaque, quer seja pela sua afecção direta nos corpos doentes, quer pela situação de desamparo que deixou os não infectados diante da possibilidade de morte[4] real, ocasionando, com isso, sequelas emocionais na população em uma abrangência comunitária nunca antes vista nesse atual século.

Para tanto, esta pesquisa torna-se fundamental para haver uma apreensão concreta acerca desta colisão entre contemporâneo e pandemia de Covid-19, porque aborda uma questão sensível e relevante que afeta muitas pessoas ao redor do mundo. Ao problematizar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas para lidar com a perda de entes queridos em um contexto de restrições sociais e econômicas, a pesquisa traz à tona a importância de compreender e apoiar aqueles que estão passando por esse processo de luto. Além disso, ao fazer referência a teorias psicológicas, como as de Freud, o texto contribui para uma reflexão mais aprofundada sobre as complexidades do luto e a necessidade de cuidado emocional em momentos de crise e perda.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa buscou por uma série de pesquisas bibliográficas tecer as considerações acerca dos fenômenos e processos de enlutamento elencados e potencializados durante a pandemia da Covid-19. Por meio de fontes como outras pesquisas científicas e sites de reportagens, teve como ponto

[4] A morte por covid-19 pode ser considerada uma forma muito negativa de morrer, justamente por estar sozinho, sem as pessoas amadas ao redor para despedir-se, a dor, o desconforto, ansiedade gerada pela doença e a falta de preparação para a morte (Dantas et. al., 2020).

central, a apresentação explicativa de teorias e estratégias científicas sobre o tema, a qual pressupõe-se ser de interesse público.

A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bases de dados Scielo, Google Acadêmico, artigos acadêmicos, revistas e sites relacionados ao assunto e livros. Destarte, optou-se em delinear a pesquisa segundo contornos de uma revisão bibliográfica, que, segundo Luneta e Guerra (2023, p. 3)

> [...] consiste no levantamento e na revisão minuciosa de obras publicadas sobre a teoria que guiará o trabalho científico. Requer uma dedicação incansável, um estudo meticuloso e uma análise perspicaz por parte do pesquisador incumbido de executar tal tarefa. Seu objetivo é reunir e analisar textos publicados, proporcionando um sólido suporte para o trabalho em questão.

Esta forma de análise, corroborou para a apreensão das problematizações feitas sobre alguns do atravessadores sociais que estiveram à frente frente da pandemia de Covid-19, como: os sofrimentos das pessoas decorrente à nova realidade que aniquilou abruptamente a antecedente; os enlutamentos ocasionados mediante aos fatores determinados pelas circunstâncias pandêmicas; os atravessamentos dos discursos políticos produzidos pelo governo vigente à pandemia. Para trazer um aprofundamento à noção de *luto*, buscou-se junto à pesquisa, um avizinhamento com algumas teorias de Sigmund Freud sobre esta noção, permitindo uma apreensão mais concreta acerca dos conteúdos que foram discutidos nesta pesquisa.

Outra forma para analisar as questões: pandemia, luto e afetamentos políticos sobre a pandemia; objetivou-se usar a análise de conteúdo. Esta forma de apreensão que, a grosso modo, consiste em ser uma pesquisa qualitativa, que busca compreender o significado por trás de: textos, imagens, vídeos e outros materiais. Permitindo aos pesquisadores identificar padrões, temas e categorias presentes nas trocas que houverem com os dados, oferecendo um suporte valioso para conhecer fenômenos sociais, culturais e comunicacionais.

Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de investigação das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos de descrição do conteúdo de mensagens. A autora destaca que a análise de conteúdo permite inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. Desta forma, busca-se à esta pesquisa, ilustrar as condições de produção de lutos sob o enquadre pandêmico, sobretudo, a partir de uma perspectiva Freudiana de: luto e melancolia; assim, possibilitar contornos das recepções desses lutos em rituais fúnebres.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A pesquisa destaca a primeira edição do manual do Ministério da Saúde, publicado em março de 2020, sobre o manejo do corpo durante a pandemia de COVID-19. O manual visa reduzir os riscos de contágio entre profissionais de saúde e funerárias abordando práticas seguras de manuseio de

corpos. Isso inclui evitar velórios e funerais presenciais durante o isolamento social. Um funeral deve ser realizado evitando o contato físico e priorizando a higiene, com urna fechada, ambiente arejado e apenas dez pessoas.

A pesquisa aborda a precariedade do sistema de saúde no Brasil durante a pandemia, demonstrando as disparidades no acesso à saúde e a relação entre poder aquisitivo e sobrevivência. A crítica se estende ao modelo econômico neoliberal, que prioriza a economia em detrimento da vida, o que levou a um aumento no número de mortes e ao ostracismo de grupos que podem estar mais vulneráveis.

Além disso, é problematizado os efeitos da pandemia no luto, destacando a importância de reinventar rituais de despedida porque os funerais convencionais não podem ser realizados. Uma nova realidade que dificulta a aceitação da perda é a falta de rituais de despedida.

Em resumo, o texto discute as diretrizes para o manejo de corpo durante a pandemia, as disparidades no sistema de saúde brasileiro e a mudança dos rituais de luto. Buscou-se enfatizar a importância de descobrir novas maneiras de expressar a dor da perda durante o distanciamento social.

3.1 DIÁLOGOS QUE VERSAM SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

A China foi o primeiro país a informar do contágio da doença, até o dia 21 de abril de 2020, 213 territórios reportaram casos da Covid-19, com um total de 2.397.216 casos confirmados (Ministério da Saúde, 2020). No Brasil, provavelmente chegou nos festejos de final de ano em 2019, porém só foi registrado o primeiro caso da variante em 26 de fevereiro de 2020, no estado de São Paulo (ibid, 2020). Durante o último dia do cortejo de carnaval em 2020, o Brasil expôs o primeiro caso de pneumonia com causa desconhecida registrado na cidade de São Paulo.

A COVID-19 (isto é, a SARS-CoV-2) é um vírus infectocontagioso provocado pelo coronavírus que é da síndrome respiratória latente grave nível 2 (OPAS, 2019).. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, foram informados os primeiros casos de pneumonia motivados por um agente anônimo, desconhecido até aquele momento, deste modo foram reportados aos agentes de saúde aos primeiros casos de covid-19 em Wuhan, na China (ibid, 2019).. Posteriormente foi anunciada a continuidade do quadro viral, no dia 12 de janeiro juntamente a OMS, a China compartilhou a sequência do vírus para os outros Países por meio do banco de dados *Global InitiativeonSharingAll Influenza Data* (GISAID) (Zhu, Na *et al*, 2020). A partir desse momento, o número de casos aumentou a ponto de tomar proporção mundial, iniciou-se no continente asiático, tendo casos na Tailândia, Coreia do Sul, Japão, Irã, Espanha e Alemanha, nos dias 13, 15 e 20 de janeiro foram registrados os casos iniciais do vírus nos Estados Unidos da América (EUA) (OPAS, 2019).

O Brasil foi o segundo País que mais registrou mortes, ultrapassadas apenas para os Estados Unidos. E teve o seu primeiro caso confirmado 25 de fevereiro, e o seu primeiro óbito três semanas depois, no dia 17 de março. Assim, os posicionamentos políticos desde o primeiro caso foram determinantes para a tragédia tomada pelo País, que foram estabelecidas com o primeiro pronunciamento nacional dado pelo presidente Jair Bolsonaro, em vinte e quatro de março. As primeiras medidas oficiais foram anunciadas no dia treze de março, quando o País registrava apenas 151 casos, deste modo até aquele momento ainda havia possibilidades de uma medida de implantação de contenção efetiva, como: o cancelamento de cruzeiros turísticos e a obrigatoriedade de isolamento durante quinze dias para os passageiros que ingressaram de Países do exterior (G1, 2020). É provável que os primeiros contaminados foram pessoas de classe média alta, que provavelmente foram infectadas através de viagens ao exterior.

A covid-19 trouxe medos jamais pensados pela população como: o risco iminente de infecção e morte, receio das sequelas, medo da perda do ente querido, horror de sair de casa e contrair um vírus e rápida disseminação, durante o período mais latente da pandemia fora desconhecida a natureza do vírus e a cura, todos esses fatores e outros além contribuíram para o adoecimento psíquico de muitas pessoas (Asmundson & Taylor, 2020**;** Carvalho *et al*., 2020). Os sintomas mais recorrentes foram: depressão, ansiedade e estresse agudo, estresse pós-traumático e confusão, mostrando-se como sintomas latentes em grande parte da população (Wang *et al*., 2020). Além disso, houve um aumento nos casos de suicídios, havendo fortes implicações da pandemia de covid-19 (Jung & Jun, 2020).

O processo do adoecimento por covid-19 pode resultar em internações hospitalares e internação na unidade de terapia intensiva e pôde desenvolver até mesmo ao óbito, sendo essa a última instância. No intuito de diminuição desses casos, surge o recurso do isolamento social e *lockdown*[5].

O processo de internação e tratamento de um adoecimento é acometido de implicações e modificações na vida de um sujeito e de sua família, sendo compreendido como um momento complexo a ser vivenciado. Quando situamos esta experiência no contexto da pandemia de covid-19, a vivência da internação acaba por infligir maiores limitações, o que por sua vez repercute de formas específicas sobre o campo psicológico dos sujeitos afetados, por esta experiência também ser:

> particularmente proeminente, pois além do número crescente de indivíduos infectados, a taxa de mortalidade também é elevada, levando a infecções múltiplas e óbitos ao mesmo tempo. O círculo familiar, portanto, proporciona luto contínuo, e a forma de vivenciar esse luto é diferente da forma culturalmente aceita (Alves, 2021, p.12).

[5]Situação em que a pessoa só pode sair de sua residência em horários determinados; considerando principalmente os grupos de risco, estando nesse grupo às pessoas diabéticas, hipertensas, com problemas respiratórios crônicas como asma, cardiopatas, idosos e outros (Hammerschmidt & Santana, 2020).

A pandemia de covid-19 impôs aos familiares a impossibilidade de contato físico com o paciente internado, o que fez com que o sofrimento psicológico desses sujeitos fosse intensificado (Cremone e Dell'osso, 2020). Esse sofrimento, como ainda afirmam Cremone e Dell'osso (2020), se agrava quando o paciente internado evolui a óbito, pois finda com a possibilidade de continuidade da presença do acometido pela doença. Tal conjuntura impeliu aos sujeitos perdas em diferentes níveis, manifestando-se diante delas, reações emocionais que podem caracterizar o início de um processo de luto (Cremone e Dell'osso, 2020, p. 52).

Nos primórdios da pandemia, não se sabia quais medidas tomar para os cuidados com os corpos falecidos pelo covid-19, dessa maneira, os funcionários de funerárias e profissionais da saúde não tinham orientações vigentes a seguir. Posteriormente fora elaborado pelo departamento de Análise em saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério de Saúde duas edições do manual que dava orientações ao manejo dos corpos das pessoas mortas pelo vírus durante a pandemia (Souza, 2023).

A primeira edição do manual carrega o título de "Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19" (Ministério da Saúde, 2020), publicada em março de 2020, que tinha como principal foco fornecer recomendações referentes ao manuseamento de corpos em circunstâncias pandêmicas e outras questões gerais acerca dos óbitos (ibid, 2023).

O manual fora elaborado com o intuito de minimizar os riscos que profissionais de saúde e de funerárias estavam se expondo, como a sangue e fluidos corporais infectados, instrumentos ou outras superfícies contaminadas, orientações essas referentes a utensílios de proteção, como manejar os corpos a autópsia e a preparação para o sepultamento; os velórios e funerais de infectados ou suspeitos de infecção não eram recomendados durante os períodos de isolamento social e quarentena (2020/2021).

Caso fosse efetuado o funeral, como afirma Souza (2023), era necessário que:

- A urna mantivera-se fechada durante todo o funeral e velório, evitando qualquer contato com o corpo do falecido em todos os momentos, devendo também estar localizada em ambientes abertos e arejados, e deveriam ser disponibilizado sabão para lavar as mãos e álcool em gel 70% para manter a higienização durante todo o velório.
- Evitar a presença de pessoas do grupo de risco, para prevenir o não agravamento da infecção, como também o enterro ou cremação deveriam decorrer com no máximo dez pessoas.
- Não era permitido pessoas com sintomas respiratórios, de acordo com a legislação referente à quarentena e internação compulsória no âmbito da ESPIN[6] pela covid-19. No

[6] Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional.

caso de irem mesmo assim seria necessário o uso de máscaras cirúrgicas, permanecer o mínimo possível no ambiente e evitar contato físico com os demais.

- Não poderia ser disponibilizado alimento e bebidas e nem copos compartilhados.
- As cerimônias de velório e sepultamento não poderiam conter aglomeração de pessoas, respeitando a distância já estipulada de dois metros entre elas, dentre outras medidas de isolamento social e de etiqueta respiratória.

  As consequências deletérias geradas por este contexto na saúde mental da população são, em grande parte, geradas por um intenso sentimento de perda e luto, decorrentes das mudanças na rotina e do crescente número de óbitos pela Covid-19, que por sua vez, tornam-se uma experiência geradora de "angústia de incerteza", sintoma caracterizado como um sentimento de angústia propiciado pela incerteza quanto ao futuro (Bertuccio e Runion, 2020).

3.2 FINITUDES DO VIVER: REAÇÕES POSSÍVEIS DO LUTO

O luto pode ser lido como um processo dinâmico, de adaptação e transição, em que o fenômeno da morte e do morrer se integra à subjetividade, ou seja, é um processo assimilado e integrado à individualidade do enlutado. O luto sendo a perda de um objeto real, de uma conexão afetiva para o indivíduo, representando uma sensação de deslocamento entre um mundo representacional, um mundo que deveria ser segundo as acepções do sujeito, e o mundo que é - um mundo que se apresenta após a perda -, expresso por uma sensação de incompletude e vazio, que é tida frequente como se uma parte de si tivesse sido arrancada (Parkes, 1998). Neste ínterim, o sujeito após tal aniquilamento, precisa reconstruir sua visão de mundo, sobretudo seu lugar nele, aprendendo formas de enfrentamentos que reconheçam a complexidade do luto, a qual toma dimensões como: identidade, relacionamentos e significados da vida.

Os enfrentamentos direcionados à perda, então, relacionam-se à busca por um objeto real, pela figura de apego perdida, a qual, de tal modo, ocorre a inscrição de enfrentamentos que incluem expressões de: negação, evitação da realidade, sentimentos de saudade, entre outros que correspondam a dar espaço para a lembrança deste objeto; inscrevendo também, enfrentamentos direcionados à restauração da vida que referem-se à construção de estratégias que possibilitem ajustamentos recorrentes à perda, relacionados a desenvolver comportamentos adaptativos que se aproximem da nova realidade após a perda.

A partir do século XVIII, com as sociedades ocidentais na era cristã, os ritos fúnebres tornaram-se responsabilidade da família, uma vez que, até o presente momento era de responsabilidade do clero[7]

[7] O clero é um conjunto de sacerdotes responsáveis por um culto religioso.

(Dantas et. al., 2020). O funeral e o enterro, assim, são partes essenciais dos ritos que nos foram cultivados socialmente para lidar com o enfrentamento da morte, auxiliando a vazão de sentimentos e demonstrações diante da ausência do seu ente. Os rituais fúnebres, então, materializam um papel fundamental no processo de enfrentamento à perda, oferecendo às sociedades formas simbólicas e sociais para a elaboração do luto.

Os rituais fúnebres, ao proporcionarem um enquadre social e cultural para a expressão da dor e da saudade, bem como a ressignificação de identidades, relacionamentos e significados, proporcionam esse processo de elaboração. Independentemente das particularidades, os rituais fúnebres[8] exercem a função social de marcar a passagem da vida para a morte, e, oferecer conforto e fortalecimento de vínculos aos enlutados.

3.3 INTERSECÇÃO ENTRE LUTO E MELANCOLIA À LUZ DE FREUD

Nos primeiros estudos psicanalíticos sobre o luto, Sigmund Freud, em sua obra "Luto e Melancolia" (1915), discorreu sobre sua proposta em relação à dinâmica psíquica do sujeito melancólico, considerando: a perspectiva das implicações que ocorrem diante a perda de certo objeto e do luto não elaborado. Freud, então, oferece uma rica compreensão da complexidade da estrutura psíquica humana explorando os processos inconscientes que incidem em nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos. Sob este enquadre, o luto apresenta-se como: uma reação à perda do objeto pelo qual tem-se investimento de energia libidinal; culminando em comportamentos que expressam: sofrimento, desânimo e abatimento.

Diferente da melancolia, no luto demarca-se a perda de um objeto real, uma reação normal à perda de um objeto amado, seja este uma pessoa, um ideal ou uma parte de si mesmo, e desta forma, para o indivíduo que investiu energia no objeto perdido, o mundo passa a não ter mais sentido e nem significado a ponto de e o mundo exterior perder momentaneamente seu significado e interesse, não havendo justificativa no prosseguimento com entusiasmo, provocando uma: intensa tristeza, saudade e um desejo de recuperar o objeto perdido. Estes quesitos serão reelaborados em um nível simbólico, e, na conclusão, pode ocorrer a ligação da libido com outro objeto de amor (ibid, 1915).

É importante frisar que um objeto não substitui o espaço do outro, apenas pode ocorrer transferência de energia libidinal de um dado objeto para outro. Desta forma, segundo o nome da obra de Freud, há uma correlação entre as circunstâncias que constam do título da obra, ao apontar que, em ambas se observaria uma profunda prostração, uma resignação generalizada do interesse do mundo externo e uma considerável perda de atuação (ibid, 1915).

[8] A relação entre os rituais fúnebres e o luto também pode ser analisada a partir da perspectiva de Gennep (1960), o qual descreve os ritos de passagem como momentos de transição em que o indivíduo passa de um estado para outro. Os rituais fúnebres podem ser entendidos assim, como ritos de passagem que marcam a transição da vida para a morte, tanto para o falecido quanto para seus familiares e amigos.

A melancolia, por sua vez, caracteriza-se por ser: um estado patológico de tristeza profunda, perda de interesse pelas atividades diárias, sentimento de culpa e autodesvalorização (ibid, 1915). Assim, na melancolia, o sujeito não orienta sua dor para o objeto perdido, mas sim para si mesmo, ocorrendo uma identificação patológica com o objeto então perdido, direcionando-o a uma ambivalência intensa e a uma agressividade para com o próprio ego.

Freud, então, destaca que a principal distinção entre luto e melancolia reside na direção própria da libido. No luto, há a retirada da libido do objeto perdido, sobretudo podendo ser investida em novos objetos. Na melancolia, a libido, é voltada para dentro, para o próprio ego, ligando-se ao que restou do objeto perdido que permanece no interior do sujeito.

O narcisismo[9], outro componente fundamental para a apreensão desta distinção entre as dinâmicas da melancolia e do luto. Desta forma, no luto, o narcisismo é demarcado por ser ferido pela perda do objeto amado, mas, o sujeito, com o tempo consegue redirecionar sua libido para outros objetos e assim restabelecer seu investimento narcisista (Freud, 1917). Por outro lado, na melancolia, o narcisismo está profundamente ligado ao objeto perdido, levando o sujeito a uma desorganização do ego e a uma diminuição da autoestima, pois, a agressividade que no luto dirige-se ao objeto perdido, na melancolia é direcionada para o próprio ego, resultando em sentimentos de: culpa e autodesvalorização (ibid, 1917).

Freud (1915) em "Considerações atuais sobre a guerra e a morte", retrata como são diversas as perdas, como as pessoas são retiradas do seu cotidiano, da possibilidade de estar nas ruas, de juntar-se aos familiares e amigos, a mudança nos formatos de trabalho e estudos, principalmente, ao imaginário de uma imortalidade traga pelo distanciamento da morte, agora destruído por tantas mortes ao entorno de si[10].

Freud (1915) destaca a ideia de que o *eu* não se constitui sem a alteridade e sem o laço social. Durante a pandemia ocorreu um empobrecimento dos ritos fúnebres, uma vez que, diante do risco de contágio, os funerais foram extintos, tornando muitos enterros sem sentido, isto é, na sua forma mais ríspida e literal que seria colocar um corpo sem vida em um burraco de terra, sozinho, sem os seus entes queridos ao redor para despedirem-se.

[9] Na psicanálise, o conceito lido como narcisismo transcende-se a uma mera vaidade ou amor próprio aumentado Assim, esse conceito refere-se a um momento inicial do desenvolvimento psíquico do qual o indivíduo investe uma energia libidinal a si mesmo, apossando seu próprio corpo como objeto de amor. Freud(1917), apreende esse conceito destacando o narcisismo primário, isto é, um estado de onipotência e autossuficiência em que o sujeito acredita que o mundo gira em torno de suas próprias necessidades e desejos. Ao longo do desenvolvimento humano, há uma gradual transferência desse investimento libidinal do self para objetos externos, porém, retolhos de narcisismo permanecem ao longo da vida, influenciando nossas relações e nossa autoestima.

[10] Essa multiplicidade de perdas também ocorre com a perda do emprego, de suporte financeiro, da rotina, dos papeis sociais que circundam a vida e a rotina das pessoas (Carr *et al*., 2020).

3.4 PERDAS EM CRISE PANDÊMICA

A interseção entre luto e melancolia, como discutida a partir das perspectivas de Freud, possibilitam uma compreensão de experiências emocionais que foram intensificadas durante e decorrente da pandemia de Covid-19. No entanto, a pandemia propiciou um conjunto de circunstâncias que não apenas complicaram esse processo de enlutamento, mas também, intensificaram sentimentos como: desamparo e tristeza. Assim, um contingente de pessoas foram levadas a uma experiência de melancolia.

Frente a esse contexto, surge a importância de reinventarmos formas de realizar rituais de despedidas e homenagens, diante da impossibilidade do conforto físico de amigos e familiares devido ao distanciamento, e também de não poder realizar velórios e funerais tais como são feitos tradicionalmente. Ariès (2003) pôde medir de maneira muito valiosa as concepções e cerimônias de luto ao longo da histórias e dos diversos tipos de cultura e crenças, que podem dar luz aos seus rituais na busca de dar sentido e legitimidade a morte do falecido e principalmente aos enlutados que sobrevivem posteriormente a perda.

Em tempos de pandemia o luto ganha essa nova roupagem, em que se destaca a ausência dos rituais de despedida do qual, a elaboração da perda encara um corpo que jaz, e que não pode ser levado para casa, ser velado, olhado, tocado, vestido. Há um corpo que some para nunca mais, tal como aconteceu no período trágico da Ditadura Militar no Brasil (BBC, 2024), onde os rituais de despedida também não puderam contar com a concreta presença do falecido.

No Brasil, os ritos estão extremamente relacionados nos simbolismos expostos pelo corpo, no qual este pode ser cuidado, lavado, tocado, vestido com roupas da preferência do falecido e contemplado com um último adeus (Dantas et. al., 2020). É de suma importância para os sobreviventes que possam ver o falecido para que desta forma possam sentir a concretude da morte daquele sujeito querido. Devido a pandemia, esses ritos tiveram que ser quebrados, limitando a despedida há alguns minutos e com o caixão lacrado, de modo em que os enlutados pela covid-19 vivenciaram um luto de maneira incompleta.

Desse modo, a morte em si é bastante dolorosa e essa dor acentua-se quando não há a possibilidade da despedida da realização particular do luto desses sujeitos, quando não se poderia sepultar e muito menos ver o seu ente. De acordo com Kehl (BBC, 2024), possivelmente os enlutados da covid-19 terão um processo profundo de *luto complicado*[11]. Contudo, ainda, com a falta de contato físico e a impossibilidade de compartilhar o luto com outras pessoas, há uma viabilização para o estado

[11] Segundo Worden (2018), *luto complicado* engloba um intenso sofrimento que não progride para uma "solução" mesmo com o passar do tempo, fazendo com que o enlutado sinta o sobre peso das tribulações e expõe reações nocivas para si e para o seu cotidiano.

de melancolia, onde a capacidade de encontrar novos significados ou de se reconectar com a vida é severamente comprometida.

Durante esta pandemia, por outro lado, sucederam-se fenômenos como de um momento para o outro, o mundo que conhecemos não é mais familiar, em que o infamiliar[12] é vivenciado como um sentimento de perplexidade, desrealização e dessubjetividade, posteriormente trazendo a ideia de dúvida a respeito de tudo que era tomado como certeza (Freud, 1919).

O enlutado vivencia uma ambiguidade traga pela morte, que, contudo, decorrente a pandemia da Covid-19, houve uma intensificação dessa vivência, ou seja, o enlutado possui uma dificuldade em assimilar a ausência e presença, passado e futuro, gerando a sensação de que a qualquer momento seu ente querido estará ali novamente, não conseguindo conceber a ideia de não haver mais esse retorno, esse abraço ou essa pessoa querida que ali fora perdida (Dantas et. al., 2020).

Entramos em confinamento e os dias ficaram mais longos. No entanto, o distanciamento social tornou-se uma recomendação extremamente necessária para conter a circulação da doença, reduzindo ao máximo o número de infectados e também para isolar as pessoas com sintomas. O infamiliar sentimento de solidão infantil salta aos olhos e nos tira qualquer possibilidade adulta de conforto.

Além disso, a experiência coletiva sobre as perdas que houveram durante a pandemia afetaram milhões de pessoas, criando um ambiente concreto de melancolia social, isto é, uma sensação de que a vida como era conhecida, foi então, irrevogavelmente alterada, levando a um sentimento de impotência e desesperança, onde o futuro parece ser incerto e sem propósito. Nesta experiência, o luto se transforma em uma experiência que não é apenas individual, sobretudo, compartilhada, refletindo em uma crise emocional coletiva.

Durante uma situação em que defronta-se com a finitude, as pessoas sofrem com o que é chamado de luto antecipatório, que se expressa sem a pessoa ter perdido tal objeto de fato, porém os sentimentos envoltos ao luto ocorrem de maneira palpável (Kovács, 1992). O processo é provocado diante das incertezas e das mudanças na rotina da pessoa, que agora vive isolada de seus entes queridos e enfrentando o medo de perdê-los por conta da ameaça real dos efeitos concretos da pandemia.

Em Manaus materializou-se um aumento abrupto de mortes. A situação tornou-se tão alarmante que chegou a ponto de os cemiterios estarem tão cheios que além das covas de improvisos, estavam também, empilhando os caixões com os corpos de falecidos pela Covid-19 ou não, chegando ao número de 18 corpos empilhados no Cemitério Nossa Senhora da Aparecida, bairro Tarumã, Zona Oeste (Beatriz, 2024). A resposta da prefeitura para a denúncia dos familiares para a maneira

[12] O sentimento do infamiliar é entendido, como Freud (1919) acentua, sendo um mecanismo discursivo à inovação das fronteiras psíquicas. Por meio deste, um elemento estranho pode se tornar familiar e um elemento familiarizado pode se mostrar mais obscuro.

inapropriada de sepultamento, fora que pela alta demanda, estavam "reorganizando o layout das covas" (ibid, 2024)

Durante o período mais latente da pandemia da Covid-19, em Manaus, eram enterrados em média diariamente 100 corpos, onde, e contudo, os cemitérios deram sinais claros de que não continham a estrutura apropriada e nem mão de obra que comportasse a demanda (ibid, 2024). A prefeitura de Manaus informou que os corpos serão sepultados em camadas e em valas comuns, chamadas de trincheiras, porém serão mais profundos, porém mantendo a rastreabilidade de todas as urnas (ibid, 2024). Alguns familiares expuseram que houve trocas dos corpos que foram entregues por equívoco a familiares de outros mortos, por exemplo, casos como de dois idosos internados em uma casa de saúde de Minas Gerais, cujos corpos foram dados para os familiares errados (ibid, 2024).

3.5 LUTOS POSSÍVEIS E LUTOS IMPEDIDOS

Para os enlutados resta uma sensação de ambiguidade, que perpassam por esperança e a ressignificação, tendo em vista, a esperança de que o falecido não seja o seu ente, e que não passa de um engano, ao mesmo tempo vivendo na tentativa de reorganização depois da perda (Dantas *et. al*., 2020).

De outro modo, alguns enlutados também lidam com a frustração e a culpa por acharem que não deram o funeral idealizado, que fosse considerado digno do falecido, ao invés disso o chamado *saco preto*.

Juntamente com o luto vem os questionamentos de como o falecido pode ter adquirido a doença ou de quem passou pra quem que chegou neste ente, essa sensação de culpa gera ainda mais raiva e revolta nos enlutados, mediante ainda ao discurso político-sanitário de responsabilidade pelo contágio, desse modo, há outra dualidade, hora a de culpa pelo contágio do paciente, e hora, a revolta por culpar a equipe hospitalar que é entendida como negligência hospitalar (Dantas *et. al*., 2020). Diante de todo este caos sanitário, econômico e emocional, as pessoas tiveram de lidar com múltiplas perdas. Foram tantas perdas ao mesmo tempo que acabava de se enterrar um, e, em seguida, outro já falecia, gerando uma sensação de não estar sofrendo como “deveria” por ninguém, e ainda, causando a sensação de culpa por não ter sido contaminado e ainda sido morto pela doença, esse bombardeamento de perdas e informações gerou em algumas pessoas certo embotamento afetivo[13], sensação de estar anestesiado, como: emocional dormente (ibid *et. al*., 2020).

A pandemia no Brasil foi atravessada fortemente pelos discursos polarizados político-ideológico, produzindo discursos conflitantes sobre quaisquer informações e medidas que eram expostas nas mídias, como: distanciamento social, uso das máscaras e álcool, possibilidade de

[13] A dificuldade global de expressar emoções e sentimentos. Pode ocorrer após eventos que causam muita dor ao sujeito, fazendo com que o sujeito não emita reações emocionais.

tratamento e prevenção, inclusive uso de medicamentos negligentes e falecimentos por Covid-19, a qual, mediante tais situações, e, refletindo acerca das polaridades que há no fundo do âmbito discursivo contemporâneo no Brasil, que, onde estão inscritas no país anteriormente às experiências de adoecimento e morte por Covid-19, produziu-se nos enlutados, uma inquietação gerada pela sensação de "fraude" e "más intenções" do governo presente durante a pandemia (Li *et al*., 2014; Stroebe *et al*., 2014 apud Dantas et. al., 2020, p. 524).

Durante esta pandemia, foi escancarada a precariedade em que vive-se no Brasil, e que, é normal que muitas vidas que não possuam respaldo monetário sejam ceifadas e muitas vezes por omissão do Estado, de modo em que, durante os primeiros meses de pandemia ocorreu uma campanha publicitária da política de morte, um genocio no qual quem tinha mais poder aquisitivo poderia ter maiores chances de viver, e quem não tivesse, disputava um respiradouro para talvez ter uma chance (Gomes, 2024). Simultaneamente ao iniciar a pandemia, ocorreu um aumento de mortes decorrentes das ações políticas em 58% em comparação ao mesmo período do ano passado (Calazans e Matozinho, 2021).

Embora no Brasil tenha o Sistema Único de Saúde (SUS), que é um sistema público e gratuito[14], que, embora tenha como suas diretrizes a: equidade, universalidade e a integralidade, *in loco* não é oferecido e nem acessado de maneira igualitária por todos os cidadãos brasileiros que necessitam, uma vez que esse sistema é deveras atravessado pelo descaso do Estado, ou seja, além da falta de investimento, tem também as questões econômicas, territoriais, e os atravessamentos das próprias gestões administrativas de cada unidade. Desse modo, foi exposto a precarização que houve na saúde brasileira durante a pandemia, uma vez que, a falta de aparelhos de ventilação causam longas filas de espera, falta de leitos e de materiais de verificação de contágio.

Expôs-se também, às demais práticas de governo postas neste momento pandêmico, a qual, no Brasil, como evidencia Vicente (2023), foi evidenciado quais vidas são possíveis de serem lidas como valiosas, bem como as que há uma permissividade para serem descartadas. Acerca desta gestão de governo que operou durante a pandemia, Sampaio *et al*. (2023, p. 4) atestam que, esta típica lógica de controle empreendida inaugurou-se e elevou-se a uma forma de "*triagem social pela régua neoliberal"*, inscrevendo o morrer não como algo inviolável, passando a ser até mesmo comemorado.

No auge pandêmico foi instaurado um caos, no qual os chefes de estado tiveram de deixar de lado as ordens federais para tomar suas próprias medidas no intuito de minimizar a crise sanitária com seus próprios meios, uma vez que nesse período fora revelada a verdadeira face de um governo federal

[14] A afirmação de que o Sistema Único de Saúde (SUS) é "gratuito", é frequentemente exposto desta forma para destacar um dos seus principais pilares: o acesso universal e igualitário à saúde. No entanto, ainda, essa afirmação, quando analisada em profundidade, revela uma complexidade que merece ser destacada com maior rigor crítico.

negacionista[15], genocida[16] e autoritário[17]. Salientando os posicionamentos e falas ofensivas[18] do então presidente da República, eleito nas eleições de 2019 e teve o seu mandato até 2022, tristemente coincidindo-se com o período da pandemia, Jair Messias Bolsonaro, que em certa ocasião, ao ser questionado por jornalista no dia em que o país chegou a marca de 5 mil mortes por coronavírus: *"E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre"*, anteriormente, quando o país marcou mais de 5 mil mortes pela doença, o mesmo também pôde responder que não era coveiro (G1, 2020).

Fica evidente quão o modelo econômico neoliberal tem grande poder de espaço no Brasil, de modo em que tudo é tido como moeda de troca, mercadoria, incluindo as vidas, a ponto de colocar a economia diante da vida, dando espaço para que corpos não produtivos sejam tidos como matáveis (Gomes, 2024). Em um período do qual a precarização da vida no país ganhou mais fôlego, deixando estabelecida nos rostos das populações desfavorecidas e marginalizadas cobertos por máscaras lutando minimamente por suas vidas, a prolongação desta na fila de espera por um leito em Unidades de Terapia Intensiva (UTI), em hospitais de campanha nos hospitais públicos de ampla parte dos estados brasileiros, nas mãos sofridas dos enfermeiros a escolha de quem seria mais "digno da vida" ou pelo menos da tentativa da mesma (Silva, 2024). De modo em que o Estado transformou essas pessoas e vidas perdidas em dados estatísticos, gerando a despersonalização dessas vidas, no intuito de gerar dessensibilização, ou seja, quem vai lamentar a perda de uma vida na qual nem é reconhecida como vida?

Deixado de reconhecer a história e sequer o nome das vítimas falecidas por covid-19. Em momentos pregressos, o Ministério da Saúde tomou liderança e medidas cabíveis, porém, dessa vez o país ficou sem perspectivas e abandonado de políticas de direcionamento, deixando sem foco os princípios da infectologia que são formados pelo triple da infecciologia que são: testagem, isolamento e rastreamento; fazendo com que houvesse maior disseminação do vírus (Souza, 2023).

---

[15] Ainda sobre o governo vigente à pandemia, Lafer (2022) afirma que, sobre o negacionismo, "este expressivo saldo negativo, muito contribui o mandonismo da estratégia da personalidade do presidente, constitutivamente integrado a um negacionismo que compromete sua capacidade de gestão. É característica do seu negacionismo a recusa, alimentada pelo conflitivo do espírito de facção, de fatos, evidências e argumentos. É plúmbea a sua sensibilidade e opaca a intencionalidade de sua consciência em relação ao que se passa no País. É o que se expressa na regularidade de suas toscas manifestações, na constância que as acompanha o seu uso de fake news, propaladas incessantemente pelas mídias sociais que manipula" (n.p).

[16] Genocidio são todos e quaisquer atos cometidos com o intuito de destruir uu ou parcialmente grupo étnico, racial ou religioso (Jesus, 2013).

[17] Ditadura é um regime político antidemocrático, ou seja, com pouca participação popular e deveras restrita, com alta concentração de poder ao redor de um estadista ou de uma comunidade política, que geralmente são sustentadas por por uma forte produção simbólica do imaginário social (Pimentel, 2020, p. 07).

[18] "A fala ofensiva é astuta. Ela procura, inicialmente, quebrar uma espécie de solidariedade genérica diante de uma injustiça feita não apenas contra um, mas contra todos ou, antes, contra todos através de um. A fala ofensiva visa quebrar a emergência da reação de "todos", pois ela singulariza, ela ofende um, ela escarnece um" (Safatle, 2021, p. 16).

A instancia Federal cometeu tamanha violência promovendo estratégias e leis próprias para viabilizar o crescimento da desigualdade e pobreza, gerando mais submetimento e escassez para a população, desdobrando em mais violência contra o próprio a própria população, fomentando em praxes de silenciamento que foram ainda mais intensificadas por um governo que é a favor de violência, tortura e desaparecimento, tal exemplo é exposto como o meio de remover a possibilidade das praxis do luto da sociedade (Silva, 2024). Desse modo, a melancolia[19] surge como molde de pronunciamento frente às violências enfrentadas pelo povo, a mesma surge como representação da passividade gerada por uma rendição social (Silva, 2024).

O Governo Bolsonaro além de abandonar o seu povo, também provocou uma grande onda de desconfiança por meio da população colocando em voga a descredibilidade de todos sobre as medidas de proteção implementadas pelo Ministério da Saúde, o próprio *lockdown*[20] fora demonizado antes mesmo de entrar em vigor, o então presidente, ademais, vetou as leis que tornaram o uso de máscaras obrigatórias e as medidas de distanciamento que determinavam que os trabalhadores deveriam permanecer em casa, porém os vetos foram tombados pelo Supremo Tribunal Federal e pelo Congresso nacional. Em março de 2020, o político censurou os governos estaduais e municipais pelas medidas preventivas que, na perspectiva do mesmo, não deveriam existir, defendendo uma normalidade utópica dada as circunstâncias em defesa da economia que acreditava estar parada (Souza, 2023).

A gestão bolsonarista foi marcada pelas políticas de boicote com a saúde da população brasileira e a suas tecnologias de controle para que fosse considerado aceitável e justificável o deixar morrer, os corpos que poderiam ser expostos ao contágio e até mesmo "matáveis" ou descartáveis. De acordo com Foucault (2008), em "O nascimento da biopolítica", o autor demonstra que há uma forma de expressão de poder que atua por intermédio de tecnologias sobre a vida biológica das pessoas, inscrevendo-as em condições passíveis de serem gerenciadas e administradas. Assim, há uma crescente política de garantia de força e poder estabelecida a partir de uma sobredeterminação estratégica de multitudes.

Durante a pandemia, não se sabia aonde era o local da vida, dos mortos ou dos corpos vivos, uma vez que todos foram etiquetados, e as vidas pobres, pretas, faveladas, as comunidades indigenas e quilombolas, ribeirinhas e outras populações vulneráveis que dependem das políticas públicas foram

[19] A melancolia, também pode ser vista como um estado que vai além da tristeza, sendo uma forma de resistência e crítica ao modelo social vigente, possibilitando a reflexão, a elaboração do luto e a busca por novas realidades e laços sociais mais justos e humanizados (Silva, 2024).

[20] Situação em que a pessoa só pode sair de sua residência em horários determinados; considerando principalmente os grupos de risco, estando nesse grupo às pessoas diabéticas, hipertensas, com problemas respiratórios crônicas como asma, cardiopatas, idosos e outros (Hammerschmidt & Santana, 2020).

negligenciadas. Para Maria das Graças[21], as sequelas da infecção no País não foram causadas somente pelo vírus, mas tiveram atravessamentos fundamentais pela mão do governo (des)humano, que impulsionou e levou milhões de pessoas à morte, atravessamentos estes que jamais poderá ser esquecido.

4 CONCLUSÃO

Abordamos, especificamente, o luto pela morte e, posteriormente, as implicações nesse processo causadas pela atual pandemia provocada pelo coronavírus (COVID-19) que tem sido sentida por milhões de pessoas ao mesmo tempo. Pandemia esta na qual pode ser vista como para além do pós-pandemia e não somente pós-pandemia, referindo-se há um tempo passado, no entanto, as sequelas dessa pandemia para alguns será sentida durante toda a vida, seja pela perda de um ente querido, sequelas incuráveis, ausência de emprego, dissolução de relações e outros, uma vez que são danos imensuráveis para cada sujeito.

Em suma, esta pesquisa abordou a temática do luto em colisão à pandemia de Covid-19, buscando responder à pergunta de pesquisa: "Quais desafios enfrentados pelas pessoas ao lidarem com o luto durante e após a pandemia?" E com base na literatura científica podemos observar que a ausência de rituais de despedida tradicionais, a impossibilidade de se despedir adequadamente dos entes queridos e a falta de suporte emocional foram os principais desafios enfrentados pelas pessoas enlutadas.

Além disso, a pesquisa destacou que a vivência do luto de forma incompleta e a adaptação a novas formas de expressar a dor da perda configuram-se como questões significativas e que afetaram e ainda afetam milhões de pessoas. Sendo importante ressaltar que as formas como os indivíduos vivenciam o luto e participam dos rituais fúnebres, estão em constante consonância com diversos fatores, como: a cultura, a religião, a personalidade e a história de vida de cada um. Além disso, a contemporaneidade têm desembocado em mudanças significativas nos rituais fúnebres, com a crescente individualização e a busca por novas formas de expressar a dor e a perda.

Com base em literaturas científicas, podemos concluir que a pandemia não apenas aumentou as dificuldades que já existiam no processo de luto, mas também trouxe novas dinâmicas que exigem uma reavaliação dos rituais de despedida e apoio emocional. Esses resultados são importantes porque mostram que as estratégias de intervenção devem levar em consideração as particularidades do luto em contextos de crise.

[21] "Maria das Graças, de 71 anos, não acreditava na Covid-19 por causa de fake news. Quando a filha e depois ela própria ficaram doentes, Maria das Graças ignorou as orientações do médico, mentiu para a família e falou que não passava de uma gripe. Ela morreu sem acreditar que estava com a doença" (G1, 2021, n.p).

Por fim, este estudo enfatiza a importância urgente de apoio emocional durante uma crise. Porém, é evidente que é fundamental combater certos discursos ofensivos como os expressos no governo vigente a pandemia.

Embora a experiência do luto possa ser encontrada em todos os lugares, suas manifestações são muito particulares e contextuais. Portanto, para melhor apoiar aqueles que enfrentam a dor da perda, é essencial que continuemos estudando e compreendendo essas dinâmicas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daliana de Freitas Geraldo. Dificuldades psicológicas enfrentadas por famílias no luto na pandemia do Covid-19. Repositório Institucional Unicambury, v. 1, n. 1, 2021.

ARIÈS, P. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ASMUNDSON, Gordon JG; TAYLOR, Steven. Coronaphobia: Fear and the 2019-nCoV outbreak. Journal of anxiety disorders, v. 70, 2020.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011.

BBC BRASIL. Como a pandemia de Covid-19 afetou a saúde mental dos brasileiros. Disponível em: BBC Brasil. Acesso em: 20 jul. 2024.

Beatriz, Rebeca. Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida: 'Não é digno'. Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em-valas-comuns-de-manaus-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghtml. Acesso em: 27 abr. 2024.

CALAZANS, Roberto; MATOZINHO, Christiane. Pandemia e Neoliberalismo: A melancolia contra o novo normal. Mórula Editorial, 2021.

CARR, Deborah. Who's to blame? Perceived responsibility for spousal death and psychological distress among older widowed persons. Journal of Health and Social Behavior, v. 50, n. 3, p. 359-375, 2009.

CARVALHO, Poliana Moreira de Medeiros *et al*. The psychiatric impact of the novel coronavirus outbreak. Psychiatry research, v. 286, p. 112902, 2020.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida *et al*. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 23, n. 3, p. 509-533, 2020.

FOUCAULT, M.. Nascimento da biopolítica. Tradução Eduardo Brandão. Revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, S. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: Obras Completas, Volume 12 – Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S.. Luto e melancolia. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1917

FREUD, Sigmund. Freud-O infamiliar [Das Unheimliche]–Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). BOD GmbH DE, 2019.

G1. E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. G1 POLÍTICA, 28 de maio de 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml. Acessado em: 17 de jun de 2024.

G1. Veja quais medidas foram adotadas pelos países mais afetados pelo coronavírus para combater a pandemia. G1 Bem Estar. Globo, 12 de março de 2020. Disponível em:

https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/12/veja-quais-medidas-foram-adotadas-pelos-paises-mais-afetados-pelo-coronavirus-para-combater-a-pandemia.ghtml. Acesso em: 27 abr. 2024.

G1. Ela ignorou o médico, mentiu para a família e morreu sem acreditar que estava com Covid: 'só via fake news', diz filha. G1, 21 out. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/21/ela-ignorou-o-medico-mentiu-para-a-familia-e-morreu-sem-acreditar-que-estava-com-covid-so-via-fake-news-diz-filha.ghtml. Acesso em: 27 mar. 2024.

GENNEP, A. V..Os ritos de passagem. São Paulo: Mestre Jou, 1960

GESI, C. *et al*. Complicated Grief: What to Expect After the Coronavirus Pandemic. Frontiers in Psychiatry, 11, 489. 25 de maio de 2020.

GOMES, Maria Caroline Cardoso. A Melancolia como Possibilidade: Fazer do Luto, Luta!. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 24, 2024.

JUNG, Sun Jae; JUN, Jin Yong. Mental health and psychological intervention amid COVID-19 outbreak: perspectives from South Korea. Yonsei medical journal, 2020.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e desenvolvimento humano. Casa do psicólogo, 1992.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações gerais. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2020.

Lafer, Celso. Domício Proença da. Liderança, conhecimento e negacionismo. Academia Brasileira de Letras, 2023. Disponível em: https://www.academia.org.br/artigos/lideranca-conhecimento-e-negacionismo. Acesso em: 28 mar. 2024.

OPAS. Histórico da pandemia COVID-19. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). OPAS. 31 de dezembro de 2019. Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19.

OPAS. Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 05 de maio de 2022. Disponível em: https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2022-excesso-mortalidade-associado-pandemia-covid-19-foi-149-milhoes-em-2020-e-2021. Acessado em 22 de jun de 2024.

OPAS. Excesso de mortalidade associado à pandemia de COVID-19 foi de 14,9 milhões em 2020 e 2021. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 24 de maio de 2024. Disponível em: https://www.paho.org/pt/noticias/24-5-2024-covid-19-eliminou-uma-decada-progresso-na-expectativa-vida-global. Acessado em 22 de jun de 2024.

PEREIRA, Everson Fernandes. A pandemia de Covid-19 na UTI. Horizontes Antropológicos, v. 27, n. 59, p. 49-70, 2021.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. *in*: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Autêntica Editora, 2021.

SAMPAIO, Valber Luiz Farias *et al*. Negligências políticas e extermínio indígena: breves diálogos sobre a pandemia da COVID-19 e processos de (r) existências. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, v. 16, n. 8, p. 11412-11432, 2023.

SILVA, Marcos Mariano Viana. Luto, reconhecimento e vulnerabilidade em tempos de pandemia de Covid-19 no Brasil:: Reflexões a partir do pensamento de Judith Butler. Monxorós Revista em Ciências Sociais e Humanas, v. 1, n. 1, p. 47-59, 2024.

SOUZA, Érica Sena de *et al*. Vítimas da Covid-19: a ressignificação e a politização do luto no contexto da pandemia. 2023.

VICENTE, Eliézer R. "E daí?" A banalização da morte como uma herança bolsonarista. Aquila, n. 28, 2023. Disponivel em: < https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila/article/view/358 >.

WANG, Cuiyan *et al*. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. International journal of environmental research and public health, 2020.

ZHU, Na *et al*. A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. New England journal of medicine, v. 382, n. 8, p. 727-733, 2020.